

Esclarecimento Metodológico:

Este relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Além disso, os valores monetários são continuamente deflacionados, o que implica em mudanças de alguns resultados – por meio deste processo é que se obtém o **PIB a valores reais**, atualizado para o período mais recente.

PIB DO AGRONEGÓCIO MINEIRO ENCERRA 2012 COM CRESCIMENTO MODESTO

Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D
Arlei Luiz Fachinello, Dr.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Fernanda Ultremare, Ma.
Equipe Cepea

1. Apresentação

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), cresceu 0,26% em dezembro, conduzindo para 0,27% a expansão da renda anual. É importante destacar que esse crescimento se deve à cadeia da pecuária, que avançou 4,68%, enquanto a agricultura recuou 3,51%.

O mês de dezembro repetiu o movimento observado para o ano, com elevação no agronegócio da pecuária (+0,65%) e queda na agricultura (-0,10%). Na cadeia da agricultura, os recuos ocorreram nos segmentos da agroindústria e distribuição, ao passo que insumos e primário mantiveram-se com taxas positivas. Na pecuária, a *performance* refletiu elevações em todos os segmentos.

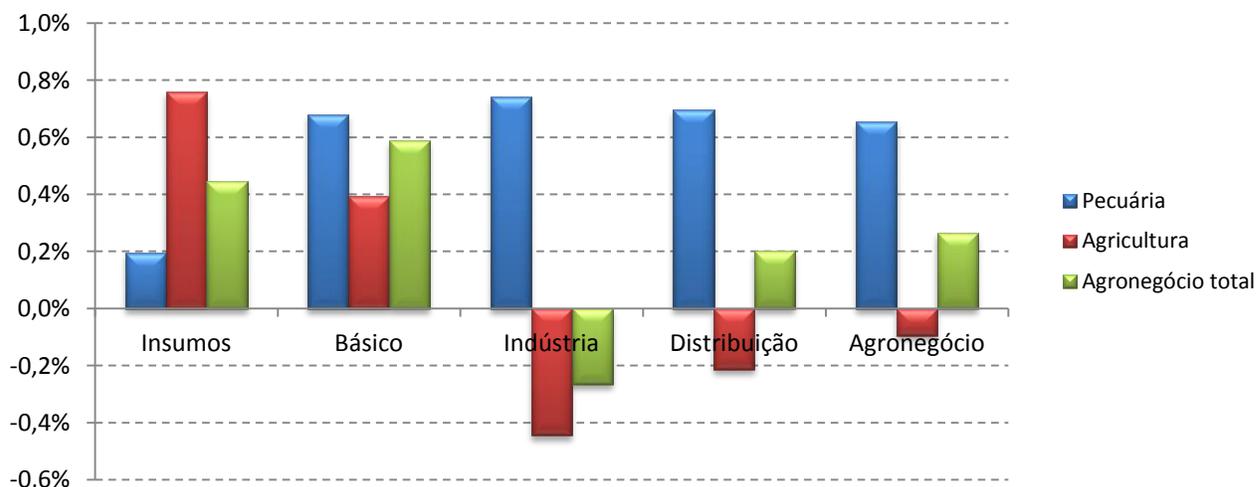


Figura 1 - Taxas de crescimento em dezembro de 2012 (%).

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

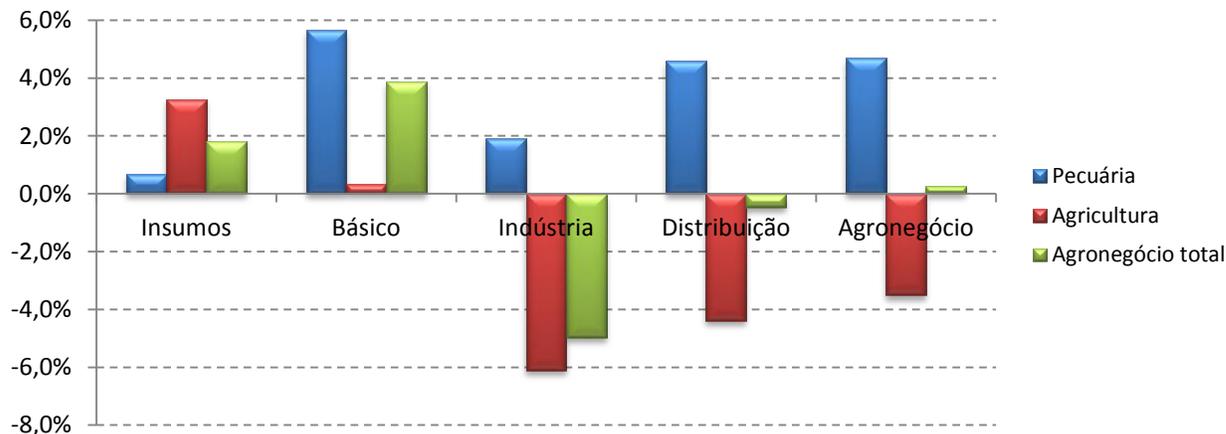


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas em 2012 (%).

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

2. Resultados e discussão

2.1 Estimativas de valor do PIB do Agronegócio de MG

O agronegócio mineiro apresentou crescimento de 0,27% de janeiro a dezembro de 2012, o que elevou a renda estimada em 2012 (a preços de 2012) para R\$ 132,42 bilhões. Desse valor, R\$ 69,22 bilhões, ou 52,3%, correspondem ao agronegócio da agricultura e R\$ 63,2 bilhões, ou 47,7%, ao agronegócio da pecuária (Tabela 3).

2.2. Evolução dos segmentos que formam o PIB

No agronegócio da *agricultura*, a retração de 0,10% em dezembro levou a variação da renda desse setor no acumulado do ano para -3,51%; em 2011, ao contrário, houve avanço de 8,79%. O segmento da agroindústria apresentou a maior retração (-0,45% no mês), terminando 2012 com recuo de 6,10%. Distribuição, igualmente, manteve desempenho negativo, com taxa de -0,21% no mês e de -4,39% no ano. Já para os insumos e para as atividades “dentro da porteira”, a expansão em dezembro (0,76% e 0,40, respectivamente) contribuiu para o crescimento em 2012 a taxas de 3,27% e 0,35%.

No agronegócio da *pecuária*, houve avanço de 0,65% no mês de dezembro, o que ampliou para 4,68% o resultado positivo acumulado em 2012. As elevações ocorreram em todos os segmentos, sendo mais significativas no básico (0,68% no mês e 5,66% no ano) e em distribuição (0,70% em dezembro e 4,59% em 2012). Nas atividades de processamento, o aumento no mês foi de 0,74% e, no ano, de +1,92%. No segmento de insumos, houve crescimento de 0,20% em dezembro e de 0,70% em 2012.

Ressalta-se, portanto, que quando comparado a 2011 – ano em que tanto o setor de base agrícola quanto o de base animal apresentaram crescimento expressivo (8,79% e 14,87% em cada caso) –, o recuo de 3,51% registrado em 2012 para agricultura significa descontinuidade no bom desempenho do setor no agronegócio mineiro; já o avanço de 4,68% da pecuária reitera, mesmo que de forma modesta, o progresso do setor.

Insumos

O segmento de insumos do agronegócio mineiro manteve movimento de alta em dezembro: taxa de 0,44%. Nos últimos três meses de ano, as taxas voltaram a ser positivas, especialmente por conta do aumento da demanda por combustíveis e lubrificantes na agricultura, dada a concentração do período de plantio e início da colheita em algumas regiões. Dessa maneira, o resultado acumulado durante o ano voltou a apresentar crescimento a partir de outubro, atingindo 1,82% em 2012. No setor da agricultura, os insumos avançaram 0,76% em dezembro; já no pecuário, houve expansão de 0,20%. No ano, o crescimento foi de 3,27% na agricultura e de 0,70% na pecuária.

De janeiro a dezembro de 2012, o grupo de fertilizantes e corretivos do solo permaneceu com números favoráveis (+2,65% a.a.). A intenção dos agricultores em ampliar a área plantada e melhorar a fertilidade do solo juntamente com preços mais favoráveis para culturas intensivas nestes insumos aumentaram a comercialização desses produtos, especialmente no primeiro semestre. Entretanto, a elevação dos estoques de passagem fez com que o volume produzido em 2012 fechasse em ligeira baixa, com taxa de -0,20% a.a. Com relação aos preços reais, por outro lado, houve expansão de 2,85% a.a., impulsionados pela elevação dos custos de produção (em especial, com insumos importados) e de transporte.

Combustíveis e lubrificantes expandiram 8,10% a.a. em volume e 0,07% a.a. em preços reais em 2012. Neste ano, o grupo acumulou expressivo aumento de 8,18% em faturamento. Em julho, a Petrobras reajustou em +6% o preço do óleo diesel comercializado nas refinarias da estatal em todo o País. Com isso, o preço do grupo de combustíveis e lubrificantes disparou em termos nominais entre os meses de julho e outubro, atingindo variação de 6,05% a.a. em dezembro. Em termos reais, entretanto, a variação das cotações foi de apenas 0,07% a.a..

No grupo de alimentos para animais, houve aumento no ritmo de crescimento dos preços, decorrente, sobretudo, da aceleração das cotações do milho e da soja, perante a seca que atingiu as lavouras nas principais regiões produtoras brasileiras, além dos problemas climáticos nos Estados Unidos e Rússia. No acumulado do ano, a expansão foi de 6,63% a.a. nas cotações. Por outro lado, houve queda de 6,98% a.a. em volume. Com isso, o grupo fechou 2012 com recuo de 0,81% a.a. nas receitas.

Na Figura 3 estão as taxas de crescimento dos ramos de insumos não agropecuários para o ano de 2012, tomando-se como base os preços médios reais de 2012 em relação a 2011 e as estimativas anuais de produção para 2012. Na Tabela 8, são apresentados os números dos setores que compõem o segmento.

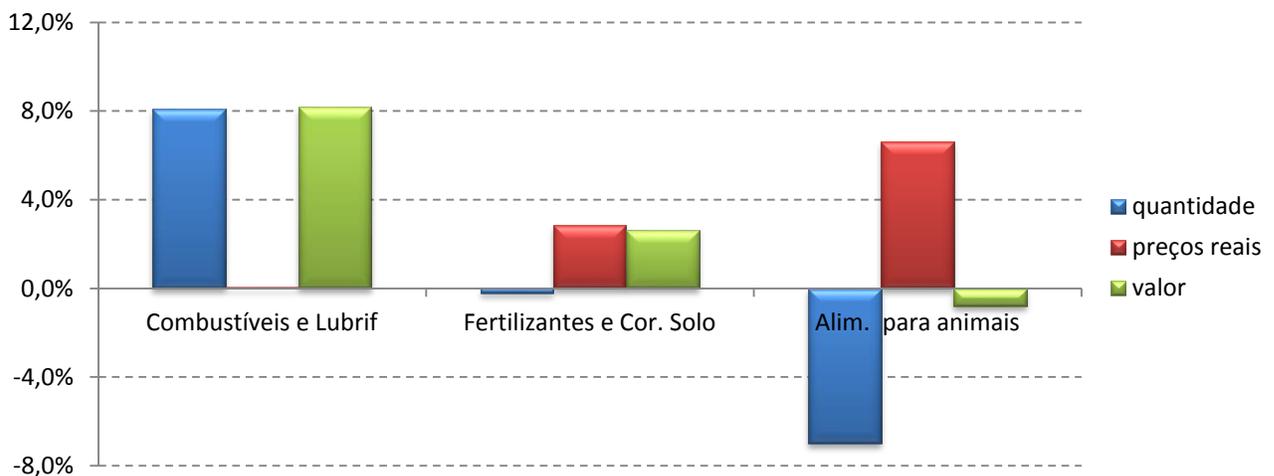


Figura 3 - Evolução do volume, preços reais e faturamento dos insumos não agropecuários (%aa) – 2012/11

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, ANP, ANDA e IBGE).

Atividades “dentro da porteira”

Em dezembro, as atividades “dentro da porteira” avançaram 0,59%. No acumulado de 2012, entretanto, o segmento apresentou crescimento bem abaixo do observado no ano anterior: 3,88% contra 19,14% em 2011. Este desempenho foi consequência da menor expansão acumulada tanto na agricultura quanto na pecuária em 2012.

Na *agricultura*, houve avanço de 0,40% no último mês do ano, alterando o movimento de queda iniciado em setembro. Com isso, o resultado de 2012 ficou 0,35% maior que o do ano anterior. Destacam-se para esse aumento as melhores reestimativas de produção anual das lavouras (+12,35% a.a.), já que os preços tiveram forte variação negativa (-9,72% a.a.). Os ganhos mais significativos ocorreram nas culturas do feijão e da soja.

No grupo dos grãos, o feijão apresentou o maior crescimento no faturamento (70,62% a.a.), consequência do significativo aumento de 56,93% a.a. nos preços reais e volumes 8,72% a.a. mais elevados. Já a soja contou com aumento de 31,38% a.a. em receita, dada a grande valorização de 25,71% a.a. (já descontada a inflação) e crescimento de 4,51% a.a. em volume. De fato, o preço da saca de 60 kg alcançou R\$ 49,00 em 2011 e, em 2012, atingiu o máximo de R\$ 69,00. Pesaram para este resultado a elevação do preço do dólar e o clima quente e seco na América do Norte, que prejudicou o desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos, elevando o preço do grão em nível mundial.

A receita com o milho, por sua vez, teve elevação de 11,25% a.a., com preços reais 4,64% a.a. mais baixos e volume 16,66% a.a. mais altos. Em Unaí, município que mais contribuiu para a produção de milho no ano, a safra chegou a 351 mil toneladas. Em Pararacatu, a colheita foi de 280,8 mil toneladas e, em Buritis, de 273,6 mil toneladas. De acordo com a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), esses municípios ampliaram de forma significativa o cultivo da lavoura de milho em detrimento das pastagens, sendo que a melhoria da produtividade na região foi igualmente crescente.

Outra cultura que mostrou bom desempenho em 2012 foi a batata-inglesa. A redução da quantidade produzida em 7,33% a.a. provocou elevação dos preços reais (+31,87% a.a.), que foi suficiente para manter o faturamento em alta (+22,20% a.a.). O motivo foi o aumento das chuvas a partir de junho, que comprometeram parte da safra do Sul de Minas, do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, elevando as cotações desde então.

Para a atividade canavieira, o ano foi marcado por aumento na produção e preços em queda. A safra mineira de cana-de-açúcar 2012/13 foi encerrada em dezembro, totalizando 51,76 milhões de toneladas, incremento de 3,79% a.a. De acordo com o CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), o canal mineiro teve evolução significativa da produtividade, terminando a safra com cerca de 75 toneladas por hectare, um crescimento de 10% sobre a última safra. Esse cenário também refletiu sobre os preços, fazendo com que, na média do ano, o recuo chegasse a 3,25%.

O atípico excesso de chuva no período de desenvolvimento das lavouras de tomate reduziu a produtividade na safra de inverno, limitando a oferta em alguns meses do ano. No balanço anual, o resultado foi positivo, mas bem modesto (+0,54% a.a.), com volume 6,60% a.a. menor e preços 7,64% a.a. maiores.

Com declínio de 10,94% a.a. no faturamento, o café apresentou a terceira pior variação de preços entre os produtos agrícolas (-25,69% a.a.), ficando atrás apenas da laranja e do algodão. Com relação ao volume, porém, a cultura contou com crescimento de 19,85% a.a. Segundo pesquisadores do Cepea, as justificativas para a desvalorização em 2012 são variadas. A principal é a produção mundial recorde; outra reflete o impacto do cenário econômico internacional sobre os mercados futuros de commodities como um todo; finalmente, coloca-se a questão da redução dos lotes de café de boa qualidade em algumas regiões, como na Zona da Mata Mineira. Ressalta-se, também, que a cultura, que em 2001 representava cerca de 53% da renda do estado ao se

considerar a produção das lavouras, em 2012, atingiu 42,51%, redução de mais de 10 pontos percentuais. Esta perda de participação relativa deveu-se ao aumento do percentual correspondente, principalmente, à cana-de-açúcar, à soja e ao milho.

Laranja, algodão, carvão-vegetal, mandioca, banana e arroz igualmente foram produtos que apresentaram perdas de receitas reais em 2012 em relação a 2011. Na laranja, a redução do volume processado pelas indústrias elevou consideravelmente a oferta de fruta para o consumo *in natura*, o que pesou negativamente sobre as cotações e, no fechamento do ano, o preço médio real recebido pelos produtores foi 51,17% menor quando comparado aos de 2011. No caso do algodão, o comportamento do mercado brasileiro foi atípico em 2012. Segundo pesquisadores Cepea, a baixa qualidade da pluma disponível, o atraso na colheita e beneficiamento e o grande volume contratado para exportação dificultaram as negociações no mercado interno no decorrer do ano. Isto se traduziu em sucessivas mudanças na tendência dos preços, que fecharam o ano em queda de 38,69%, quando comparados a 2011.

Carvão vegetal, mandioca e banana apresentaram volumes em alta mas preços em baixa, forçando saldo negativo para 2012. No arroz, os impulsos para elevações de preços que vieram de retrações das vendas por parte de orizicultores refletiram em queda do faturamento.

Em se tratando do segmento primário da *pecuária*, houve avanço de 0,68% em dezembro, o que ampliou para 5,66% os ganhos em 2012 em relação a 2011. Esse desempenho teve como base uma melhora na produção, mesmo com recuo em preços. Para os bovinos machos, os preços reais tiveram declínio acumulado no ano de 9,08%; em volume, houve avanço de 14,06%. Com isso, o saldo anual para esta atividade ficou positivo em 3,70% a.a. Para as vacas, a retração dos preços foi de 8,94% a.a. e o aumento no volume, de 21,80% a.a. Segundo pesquisadores do Cepea, os principais fatores responsáveis pelas dificuldades enfrentadas pela bovinocultura em 2012 foram a persistência da crise na Zona do Euro e o ritmo lento da economia brasileira, que já vinham sendo sentidos pelo setor no ano anterior. Vale ressaltar que as estimativas de volume abatido no último trimestre do ano ainda serão divulgadas pelo IBGE, o que implicará em ajustes no saldo anual. Salienta-se, entretanto, que estas atividades vem ganhando participação na composição das receitas do segmento básico pecuário: de 52,45% em 2001, a bovinocultura passou a corresponder a 61,84% em 2012, graças às menores parcelas correspondentes principalmente ao leite e ao frango.

Suínos, frango, ovos e leite também apresentaram crescimento de receitas e contribuíram positivamente para o resultado da cadeia. Na suinocultura, os volumes mantiveram-se em alta, com 14,84% a.a., compensando a queda anual de 0,55% nos preços reais recebidos; como resultado, a atividade acumulou avanço de 14,21% em 2012. Vale destacar que, os últimos meses do ano foram de aceleração de preços na suinocultura. Segundo pesquisadores do Cepea, o fraco desempenho do setor no ao longo de 2012 refletiu em queda na disponibilidade de suínos para abate na segunda metade do ano. Este cenário proporcionou recuperação dos preços e, mais no final do ano, também do poder de compra frente aos principais insumos da cadeia. Em Minas Gerais, ao se comparar a média de dezembro apurada pelo Cepea à de junho, constata-se que o preço do suíno chegou a subir 81%.

Na avicultura, volumes e preços variaram positivamente (+5,94% a.a. em quantidade e +0,47% a.a. em preços), somando crescimento de 6,44% a.a. nas receitas. Pesquisadores do Cepea destacam que o movimento ascendente dos preços do frango, tanto em Minas como em outros importantes estados produtores, não foi suficiente para manter produtores animados com a atividade, uma vez que a pressão dos custos era grande. Muitos avicultores chegaram a reduzir o alojamento de pintinhos, baixando a oferta nos meses seguintes. Daí o aumento paulatino das cotações ao longo do segundo semestre. Ovos igualmente apresentaram aumento de preços (6,87% a.a.), mas com queda em volume (1,13% a.a.), o que correspondeu a uma expansão de 5,66% do faturamento em 2012 em relação a 2011. Finalmente, para o leite, houve retração de preços reais no comparativo anual (0,69% a.a.). Vale destacar que esta queda poderia ter sido ainda mais

expressiva não fosse a recomposição motivada pela restrição na oferta, frente aos altos custos com a alimentação animal. Em volume, houve alta de 2,46% a.a. e, assim, a atividade fechou com faturamento real de +1,75% a.a.

Veja nas Figuras 4 e 5, a variação de volume, de preços reais e de faturamento real das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras em 2012, tomando-se como base os preços médios de janeiro a dezembro deste ano em relação ao mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção.

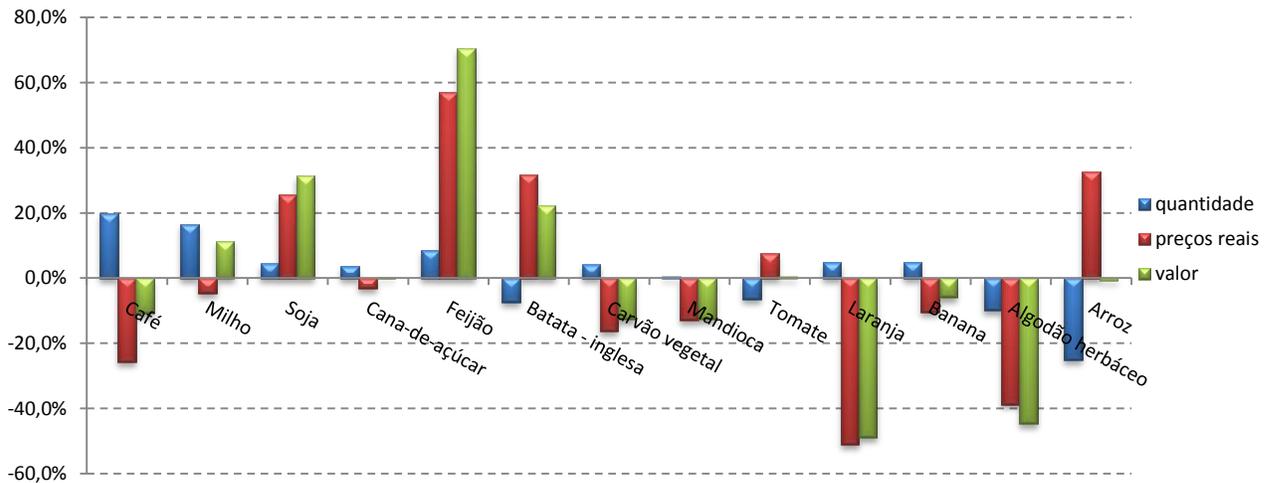


Figura 4 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (%aa) – 2012/11
 Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

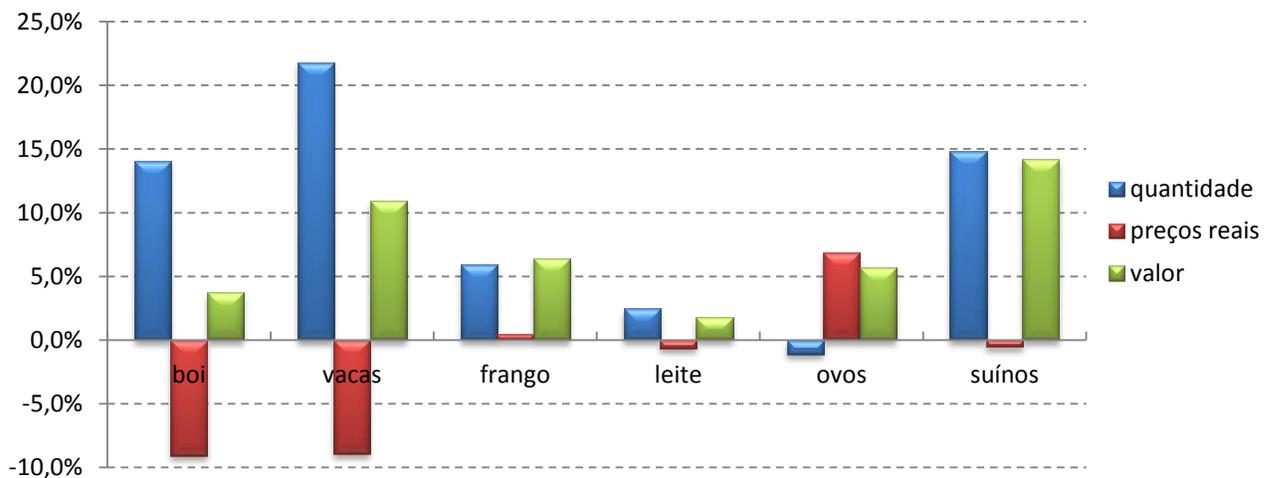


Figura 5 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (%aa) – 2012/11
 Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, Avimig e IBGE).

- **Atividades da Agroindústria:**

O segmento industrial do agronegócio mineiro apresentou declínio de 0,27% em dezembro e acumulou recuo na renda de 4,96% em 2012, com relação a 2011. O segmento refletiu as sucessivas quedas na agroindústria de base agrícola ao longo do ano, principalmente a partir do segundo semestre. Cenário inverso foi constatado nas atividades de base pecuária que, no início de 2012, estiveram em baixa, mas passaram a contar com resultados positivos nos últimos seis meses do ano.

A renda da agroindústria de base *agrícola* recuou 0,45% em dezembro. Com isso, o resultado anual passou para -6,10%. Esta *performance* esteve condicionada à queda na renda anual de sete das nove indústrias analisadas: álcool hidratado, anidro, têxtil, bebidas, fumo, celulose e açúcar. Nos derivados da cana-de-açúcar, a queda de preços foi o fator determinante, mantendo-se em patamares menores que os de safras anteriores: o anidro apresentou queda de 18,77% a.a. em preços reais, o hidratado, de 13,48% a.a. e o açúcar, de 5,17% a.a. A variação mensal mais acentuada em 2012 foi de outubro para novembro, de cerca de 8% para os etanóis. Segundo pesquisadores do Cepea, no estado de São Paulo, em termos de remuneração entre os produtos sucroalcooleiros, o açúcar apresentou vantagem média de 28% sobre o anidro e de 41% sobre o hidratado entre abril e dezembro. Em semanas equivalentes na temporada 2011/12, a média dessas relações foi de 34% e 51%, respectivamente.

No estado de Minas Gerais, a produção de açúcar bateu mais um recorde na safra 2012/13, alcançando 3,42 milhões de toneladas, crescimento de 5,34% sobre a safra 2011/12. A oferta mais abundante do açúcar é apontada como o principal motivo para o menor patamar dos preços na temporada 2012/13. Segundo a UNICA, o volume produzido – tanto na região Centro-Sul do Brasil como em outros importantes produtores mundiais – não foi prejudicado por condições climáticas desfavoráveis e a produção de açúcar em todo o Centro-Sul brasileiro foi superior à prevista no início da safra.

Outro destaque desta safra foi o forte aumento da produção de anidro, totalizando 846 milhões de litros, 14,62% de crescimento sobre 2011/12. O hidratado, por outro lado, teve diminuição de 13,51% a.a. Em preços, a tendência de queda, que marcou ambos os etanóis entre maio e outubro, pesou sobre o desempenho anual, e os dois tipos fecharam 2012 em menores patamares.

Têxteis e celulose também apresentaram queda de receitas e preços. Na primeira atividade, a diminuição de 6,84% a.a. em preços reais foi responsável pelo resultado negativo de 6,03% a.a., já que o volume processado praticamente não registrou mudança (+0,87% a.a.). Segundo agentes do setor, a concorrência com produtos asiáticos, que detêm custos de produção bem abaixo dos custos de produtos brasileiros, pesou no desempenho da indústria em 2012. Celulose fechou o ano com queda de 1,67% nas cotações, mas aumento de 1,46% a.a. em volume. Mesmo assim, ficou com saldo 0,24% menor em 2012 em relação a 2011. Para bebidas e fumo, o faturamento negativo de 3,61% a.a. e de 2,67% a.a. em cada caso foi consequência da redução na produção (6,38% a.a. e 7,79% a.a.), já que os preços reais responderam com alta de 2,96% a.a. e 5,56% a.a. respectivamente.

Café e óleo de soja refinado, por outro lado, mostraram saldo positivo. O beneficiamento do café teve aumento de 6,05% a.a. em volume e de 8,01% a.a. em preços reais, refletindo em saldo 14,55% a.a. maior. De acordo com os dados da Conab, apesar de chuvas extemporâneas no início da colheita terem comprometido parcialmente a qualidade do café colhido em praticamente todas as regiões produtoras do estado, as flores e frutos contaram com um bom desenvolvimento vegetativo, com aumento da produtividade dos cafezais. Além disso, para a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), o desempenho positivo em 2012 esteve ligado à conduta do mercado interno de café, que passou a ganhar força desde o início do ano em todas as regiões. A indústria de

óleo de soja refinado igualmente se sobressaiu, fechando o ano com alta de 8,98%. Nesta atividade, apenas a ascensão dos preços explicou o resultado positivo (9,74% a.a.), uma vez que, em volume, o cenário foi de baixa (-0,69% a.a.).

Na agroindústria de base *pecuária*, houve novamente expansão em dezembro. O avanço no mês foi de 0,74%, o que ampliou para 1,92% o crescimento em 2012. Este foi o melhor desempenho do ano e, neste mês, superou o dos segmentos básico e de distribuição. O resultado de dezembro pode ser explicado pelo aumento da variação de volume – que se manteve acima dos 8% a.a. desde julho de 2012 –, já que o nível médio de preços reais ficou 6,21% a.a. menor.

Entre as carnes, houve crescimento de receitas em todos os casos acompanhados pelo Cepea, mesmo com queda de preços reais com relação a 2011. A carne suína e de vaca apresentaram os melhores resultados (expansão de 12,69% a.a. e 12,47% a.a. no faturamento). Segundo pesquisadores do Cepea, no primeiro semestre de 2012, o mercado suinícola foi influenciado, principalmente, por dois fatores: elevação dos custos de produção no Brasil e no mundo – seja de forma direta ou indireta – e maior oferta doméstica de carne bovina. No segundo semestre, como resultado do fraco desempenho econômico da suinocultura nacional, a oferta de animais para abate diminuiu, o que proporcionou ligeira recuperação dos preços, mas não o suficiente para inverter a trajetória de queda no ano (taxa de -1,88% a.a.). Na bovinocultura de corte, os preços mais competitivos de outras carnes pesaram para que as cotações fechassem o ano em queda de aproximadamente 7%, tanto para o macho quanto para a fêmea. Ainda assim, a elevação do volume (14,06% a.a. para o boi e 21,80% a.a. para a vaca) foi capaz de manter o saldo em alta (5,77% a.a. e 12,47% a.a. respectivamente para machos e fêmeas). Aves igualmente apontaram aumento de receitas (4,25% a.a.), com volume 5,94% maior em 2012 com relação a 2011 e preços reais 1,59% a.a. menores.

Na indústria de laticínios, o leite UHT foi o único a apresentar elevação de faturamento (11,61% a.a.), mesmo com recuo da média anual de preços reais (-4,65% a.a.), pois o volume produzido teve incremento de 17,05% em 2012. O leite em pó caiu 6,16% a.a., dada a queda de 11,33% a.a. nos preços; em quantidade, houve aumento de 5,83% a.a. para este produto. Queijos e leite pasteurizado mostraram os piores resultados (taxas de -55,39% a.a. e -15,62% a.a.), com declínio em preços e quantidades. De acordo com dados do Cepea, em Minas Gerais, diferentemente de Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, a taxa de variação do custo operacional efetivo (COE), que considera todas as despesas correntes do produtor durante o mês, ficou acima da taxa do preço do leite ao longo de todo o ano. Os resultados anuais podem ser vistos na Figura 7 e Tabela 12.

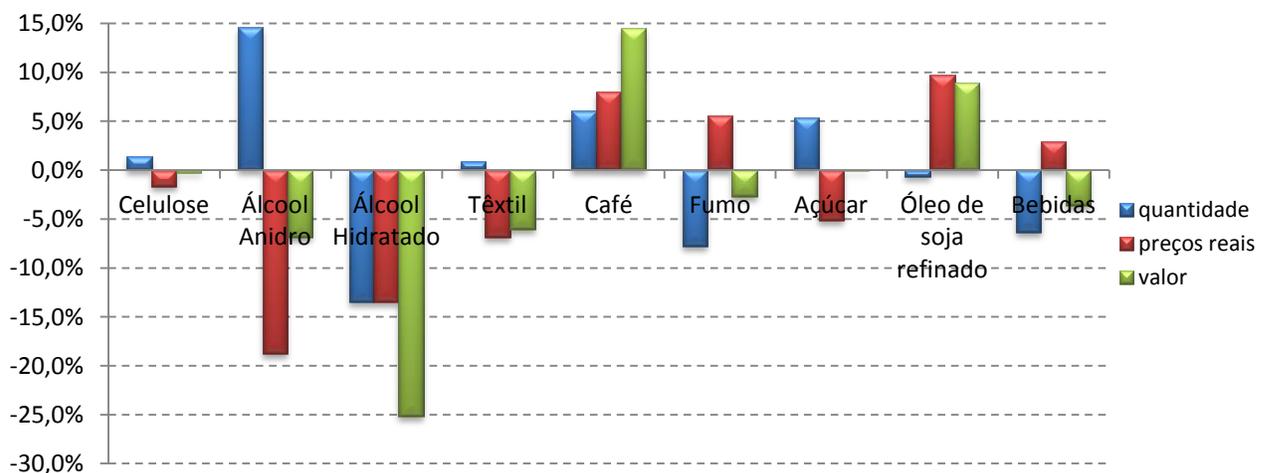


Figura 6. Crescimento do volume, de preços reais e do faturamento da agroindústria vegetal (%aa) – 2012/11

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

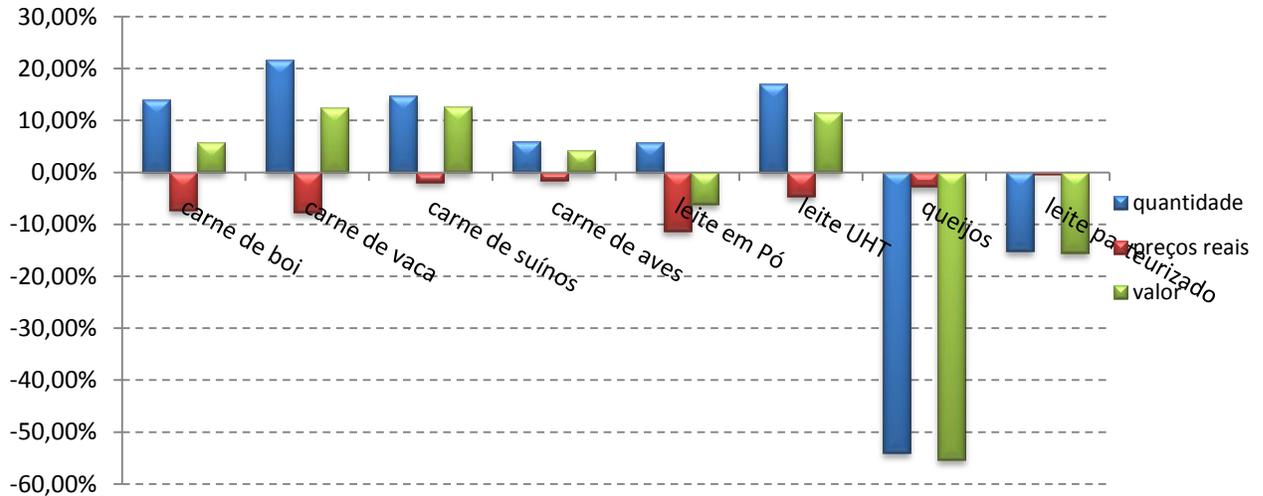


Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (%aa) – 2012/11

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

- **Distribuição:**

O segmento de distribuição (comércio e transporte) do agronegócio mineiro apresentou avanço de 0,20% em dezembro, reduzindo o declínio acumulado da renda em 2012 para -0,48%.

No segmento de distribuição *agrícola*, houve recuo mensal de 0,21%, continuando a trajetória de declínio iniciada em junho. Dessa maneira, o resultado acumulado em 2012 ficou em -4,39%. A queda mensal acompanhou a desaceleração nas atividades da agroindústria de base vegetal.

No segmento de distribuição da *pecuária*, dezembro continuou em ascensão, apresentando novos aumentos da renda gerada em relação a 2011. Neste mês, o avanço foi de 0,70% (contra +0,38% em novembro), o que levou a uma expansão anual de 4,59%.

Participações:

Em 2012, as participações dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais passaram a ser as seguintes: insumos não agropecuários: 6,48%, segmento básico: 40%, industrial: 23,40% e de distribuição: 30,12% (Figura 8).

No agronegócio da *agricultura*, a indústria manteve a maior parcela da renda gerada pelo setor (38,09%), seguida do segmento de distribuição (31,50%). Em terceiro lugar, ficou o segmento básico, com 24,93% de participação. O segmento de insumos, que historicamente representa a menor parcela da renda, ficou com 5,48% até novembro.

No agronegócio da *pecuária*, o segmento básico passou a responder por 56,51% da renda do setor. O segmento de distribuição figurou em segundo lugar, com participação de 28,61%, enquanto o de insumos e a indústria ficaram com parcelas semelhantes (7,57% e 7,31%, respectivamente).

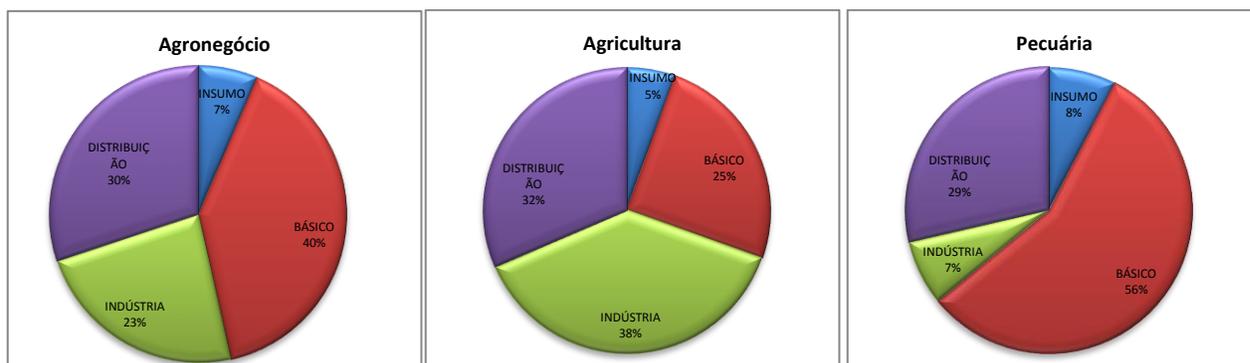


Figura 8. Participações dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais em dezembro de 2012

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

2.3 Análises conjunturais gerais

O preço médio do **açúcar** cristal no mercado do estado de São Paulo em 2012 foi o menor desde a safra de 2009/10. A análise das médias do Indicador CEPEA/ESALQ (estado de SP) referentes ao período de abril a dezembro dos últimos anos, expressas em valor real (IGP-DI de

dezembro/12), mostra que, em 2012 (R\$ 54,52/saca de 50 kg), houve desvalorização de 21,12% em relação a 2011 (R\$ 69,11/saca de 50 kg), de 18,70% quando comparado a 2010 (R\$ 67,06/sc) e de 13,17% frente a 2009 (R\$ 62,79/sc). O principal motivo para o menor patamar dos preços na temporada 2012/13 foi a oferta mais abundante do açúcar. Ao contrário do que ocorreu nas três safras anteriores, na presente, o volume produzido – tanto na região Centro-Sul do Brasil como em outros importantes produtores mundiais – não foi prejudicado por condições climáticas desfavoráveis. Na realidade, a produção de açúcar no Centro-Sul brasileiro foi superior à prevista no início da safra.

Os preços do etanol oscilaram menos em 2012, mas, sistematicamente, mantiveram-se em patamares menores que os de safras anteriores. Levando-se em conta a média de abril a dezembro, no mercado paulista, o **anidro** esteve 20,8% e o **hidratado**, 13,2% abaixo da média do mesmo período do ano passado – em termos reais (IGP-M). No período, o Indicador CEPEA/ESALQ (SP) do anidro foi de R\$ 1,2625/litro e o do hidratado, de R\$ 1,1361/litro, ambos sem impostos, a retirar na usina. A variação mensal mais acentuada em 2012 foi de outubro para novembro, de cerca de 8% para os dois etanóis.

Na safra 2012/13, a produção de açúcar e etanol anidro no Centro-Sul aumentou, ao passo que a de hidratado, diminuiu. Até o final de novembro, usinas da região Centro-Sul haviam produzido 5,9% mais açúcar e 8,18% mais anidro que no mesmo período do ano anterior. A redução do hidratado, por sua vez, foi de 4,22%, segundo dados da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). A produção agregada de etanol foi de 20,38 bilhões de litros (+0,55%), sendo 11,94 bilhões de litros de hidratado e 8,44 bilhões de litros de anidro. No acumulado, a alocação de cana-de-açúcar para etanol diminuiu, limitando-se a 50,18% do total.

Em 2012, foi atípico o comportamento do mercado brasileiro de **algodão**. A baixa qualidade da pluma disponível, o atraso na colheita e beneficiamento e o grande volume contratado para exportação dificultaram as negociações no mercado interno no decorrer do ano. No geral, houve baixa disponibilidade de pluma de tipos base (41-4) para superiores, mas excedente de produto de tipos abaixo do 41-4. Muitos lotes de tipos melhores foram direcionados para exportação, e o excedente é que foi destinado ao mercado interno. Desde maio, o volume de exportação acumulado em 12 meses se aproximou ou superou 1 milhão de toneladas. As cotações internas do algodão iniciaram o ano em alta. A postura firme de vendedores, que pediam preços altos pela pluma com teste de HVI dentro dos padrões requeridos pela indústria, impulsionou as cotações. Além disso, a necessidade de compradores em repor estoques, após o retorno das férias coletivas, também contribuiu para os reajustes. Contudo, em fevereiro, as cotações passaram a ceder tanto no Brasil quanto no mercado externo, com baixa liquidez no cenário nacional. Ao longo de 2012, o Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias registrou baixa de 3,37%, com média de R\$ 1,6064/lp (US\$ 0,8270/lp).

A safra brasileira de café 2011/12, encerrada em junho/12, teve preços recordes para o arábica e cotações elevadas para o robusta. No período, o Indicador CEPEA/ESALQ do **arábica** tipo 6 bebida dura para melhor – posto em São Paulo – teve média de R\$ 446,03/saca e o Indicador CEPEA/ESALQ do **robusta** tipo 6, peneira 13 acima, chegou a bater os R\$ 300,00/saca na segunda metade da temporada. Com valores elevados, as negociações tiveram boa liquidez. Já na primeira metade da temporada 2012/13 (de julho a dezembro/12), os preços do arábica apresentaram sucessivas quedas e forte retração vendedora, inclusive de produtores de robusta. As cotações desta variedade, porém, conseguiram relativa sustentação nesse período. Estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) aponta produção de 50,83 milhões de sacas de 60 kg, sendo 38,34 milhões de arábica e 12,48 milhões de robusta. Sobre a temporada passada, os aumentos são de 19% e 10,5%, respectivamente.

No mercado de **milho**, claramente, o que pesou em 2012 foi a queda da produção mundial, ocasionada por problemas climáticos em muitos países, mas especialmente nos Estados Unidos. Na

safrinha 2012/13, a produção norte-americana se reduziu em 13,2% frente à 2011/12, segundo dados do USDA. Ao invés de 375,7 milhões de toneladas estimadas em maio/12, a safra foi consolidada em 272,4 milhões de toneladas. Essa quebra abriu espaço para outros players no mercado internacional, favorecendo os recordes de exportação do Brasil e a consequente sustentação dos preços no País. Por aqui, a safra verão e a de inverno totalizaram 72,98 milhões de toneladas, segundo a Conab. Em 2012, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas-SP) subiu 14,8%, fechando a R\$ 34,30/saca de 60 kg no dia 28 de dezembro. Se considerada a taxa de desconto NPR, também na região de Campinas, o preço médio à vista foi de R\$ 33,86/sc de 60 kg, reação de 15,1% no ano. Porém, a média anual está em R\$ 29,79/sc de 60 kg, 1,75% inferior à de 2011 (R\$ 30,32 em 2011).

No início de 2012, produtores de **soja** já temiam significativa quebra na produção diante da forte estiagem que castigou as lavouras da América do Sul nos principais períodos de desenvolvimento do grão – decorrência do fenômeno La Niña. Com isso, no final do primeiro trimestre, pico de colheita no Brasil, os valores da soja nos mercados interno e externo já caminhavam para patamares recordes, comportamento atípico para o período. Em maio, a crise da Grécia levou à expressiva valorização do dólar frente a uma cesta de moedas, influenciando também novos reajustes da soja no Brasil. No final do primeiro semestre, os estoques já estavam baixos no Brasil e a demanda, aquecida. Na média ponderada das regiões paranaenses, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ, subiu significativos 52,2% em 2012. Na média das regiões acompanhadas pelo Cepea, os preços nos mercados de balcão (ao produtor) e de lotes (negociações entre empresas) avançaram mais de 50%.

A captação de **leite** nos sete principais estados produtores do Brasil aumentou em 2012, conforme pesquisa do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP. O Índice de Captação de Leite do Cepea (ICAP-Leite), em 2012, foi 3,2% maior que o de 2011, puxado principalmente pelos estados do Sul. O preço médio recebido pelos produtores de leite em dezembro, referente ao produto entregue no mês de novembro, manteve-se praticamente estável, com leve queda de 0,2% em relação ao mês anterior. Conforme levantamentos do Cepea, a “média nacional”, ponderada pela produção dos estados do RS, PR, SC, SP, MG, GO e BA, foi de R\$ 0,8227/litro (valor líquido) ou de R\$ 0,8934/litro quando considerados frete e impostos. Essa sustentação foi obtida mesmo com o aumento do volume produzido na maioria dos estados pesquisados pelo Cepea.

No primeiro semestre de 2012, o mercado **suinícola** foi influenciado, principalmente, por dois fatores: elevação dos custos de produção no Brasil e no mundo – seja de forma direta ou indireta – e maior oferta doméstica de carne bovina. No segundo semestre, como resultado do fraco desempenho econômico da suinocultura nacional, a oferta de animais para abate diminuiu, o que proporcionou recuperação dos preços e, mais no final do ano, também do poder de compra frente aos principais insumos da cadeia. Em dezembro, inclusive, os preços do suíno vivo e da carne atingiram os maiores patamares de 2012 e, em algumas regiões, os maiores de toda a série histórica do Cepea, iniciada em 2004. Ao se comparar a média de dezembro à de junho, constata-se que o preço do suíno chegou a subir 81% em Minas Gerais e 79% em São Paulo, com as médias passando para R\$ 3,93/kg e R\$ 3,63/kg, respectivamente, em dezembro.

O fato de não ter havido grandes solavancos no correr do ano não significa que o mercado **pecuário bovino** tenha sido tranquilo em 2012. O sentimento de muitos operadores, corroborado pelos preços obtidos pelos animais e pela carne, é o de que foi um ano marcado por forte insegurança, quando não por frustração – especialmente no caso de pecuaristas. Os fatores macroeconômicos foram responsáveis pelas maiores dificuldades enfrentadas pelo setor em 2012. Dentre eles, destacam-se a persistência da crise na Zona do Euro, a inflação e o ritmo lento da economia brasileira, que já vinham sendo sentidos pelo setor pecuário. Com o Produto Interno Bruto do Brasil avançando cerca de 1% apenas, faltou fôlego para que a demanda por carne bovina

acompanhasse o aumento da oferta por volta de 4% – segundo dados de abate do Ministério da Agricultura até novembro/12 em relação ao mesmo período do anterior. O resultado foram preços nominais da carne e da arroba abaixo dos praticados em 2011. A média do Indicador ESALQ/BM&FBovespa em 2012 (considerando-se as médias mensais), em termos reais (deflacionadas pelo IGP-DI de nov/12) foi de R\$ 97,93, a menor dos últimos três anos.

3. Conclusões e recomendações

O agronegócio mineiro apresentou avanço de 0,26% em dezembro, invertendo o ritmo de queda de novembro. No ano, houve crescimento de apenas 0,27%, o que pode ser explicado pelo desequilíbrio nos setores agrícola e pecuário. Na agricultura, 2012 foi de declínio, com o setor acumulando no ano recuo de 3,51%. Paralelamente, na pecuária, o cenário foi de aumento: taxa de +4,68%. Em 2011, tanto agricultura quanto pecuária apresentaram resultado positivo (+8,79% e +14,87%, respectivamente), levando a expansão da renda naquele ano a 11,51%.

Entre as atividades do segmento básico, destaca-se o desempenho do feijão (alta de 70,62% a.a.) e da soja (crescimento de 31,38% a.a.), em que a expansão de preços estimulou o aumento da produção no estado. O preço da saca da soja, por exemplo, alcançou R\$ 49,00 em 2011 e, em 2012, atingiu o máximo de R\$ 69,00. Pesaram para este resultado a elevação do preço do dólar e o clima quente e seco na América do Norte, que prejudicou o desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos.

Para a pecuária, tanto na suinocultura como na avicultura e nas atividades leiteiras, o ano de 2012 foi de pressão pelo aumento dos custos de produção com aumento das cotações dos principais insumos das rações: o farelo de soja e o milho. Com menores patamares de preços em relação a 2011, o repasse da elevação dos custos pelos produtores com intuito de se evitarem prejuízos tornou-se cada vez mais difícil.

Nas atividades industriais, o cenário se manteve adverso: recuo de 0,27% em dezembro e 4,96% em 2012. O peso dos produtos asiáticos foi sentido com intensidade pelas indústrias têxtil e de vestuário. Diante desse cenário negativo, o governo federal anunciou uma série de medidas, visando a aumentar a competitividade do setor. Entretanto, o pacote adotado foi duramente criticado, uma vez que, para os agentes ligados à indústria, tais medidas podem até ser positivas em alguns aspectos, mas ainda não resolvem o problema nacional, que é a falta de competitividade. A concorrência com a China é difícil de ser batida. Além da mão de obra mais barata, a diferença tributária entre Brasil e China prejudica o produto brasileiro. A indústria mineira de lácteos também sofreu com o grande volume de importados, a preços mais competitivos que o produto nacional. Por isso, muitos laticínios passaram o ano operando com capacidade ociosa.

Finalmente, destaca-se, nos insumos, a intensa aceleração dos preços de alimentos para animais ao longo do ano, refletindo a seca que atingiu as lavouras de soja, milho e trigo nas principais regiões produtoras brasileiras, além dos problemas climáticos nos Estados Unidos e Rússia. Em Minas Gerais, a alta acumulada nos preços das rações chegou a 6,63%. Esta valorização pesou sobre a comercialização e a produção do insumo que, na comparação entre os períodos, registrou baixa de 6,98%.

4. Tabelas de dados

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2011 e 2012 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
dez/11	0,40	-0,35	-0,71	-0,50	-0,43
jan/12	-0,15	0,24	0,28	0,20	0,21
fev/12	1,56	-0,09	0,03	-0,05	0,06
mar/12	0,61	0,16	-0,35	-0,11	-0,02
abr/12	0,47	-0,02	-0,90	-0,45	-0,33
mai/12	1,68	0,15	0,42	0,27	0,35
jun/12	-1,62	0,23	0,31	0,30	0,15
jul/12	-2,26	1,07	-2,16	-0,50	-0,41
ago/12	0,56	0,57	-0,60	0,00	0,12
set/12	-0,37	0,34	-0,60	-0,11	-0,06
out/12	0,71	0,36	-0,67	-0,10	0,00
nov/12	0,26	0,21	-0,54	-0,13	-0,06
dez/12	0,44	0,59	-0,27	0,20	0,26
Acum. no ano (2011)	19,00	19,14	2,17	9,10	11,51
Acum. no ano (2012)	1,82	3,88	-4,96	-0,48	0,27

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
dez/11	-0,13	-2,82	-0,78	-1,33	-1,43
jan/12	-0,13	1,68	0,44	0,77	0,81
fev/12	2,76	0,44	0,08	0,18	0,34
mar/12	1,19	-0,31	-0,34	-0,33	-0,25
abr/12	0,90	-0,87	-1,02	-0,98	-0,87
mai/12	3,03	-0,70	0,50	0,18	0,24
jun/12	-2,50	-0,74	0,24	-0,02	-0,23
jul/12	-3,77	0,54	-2,61	-1,78	-1,65
ago/12	0,78	0,24	-0,76	-0,49	-0,35
set/12	-0,68	-0,11	-0,74	-0,57	-0,53
out/12	0,85	0,00	-0,89	-0,65	-0,50
nov/12	0,25	-0,19	-0,69	-0,55	-0,47
dez/12	0,76	0,40	-0,45	-0,21	-0,10
Acum. no ano (2011)	19,13	20,37	2,80	6,98	8,79
Acum. no ano (2012)	3,27	0,35	-6,10	-4,39	-3,51

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
dez/11	0,81	0,96	-0,25	0,61	0,75
jan/12	-0,17	-0,48	-0,70	-0,54	-0,49
fev/12	0,62	-0,37	-0,28	-0,34	-0,28
mar/12	0,15	0,41	-0,38	0,18	0,26
abr/12	0,13	0,42	-0,18	0,25	0,30
mai/12	0,60	0,58	-0,09	0,39	0,48

PIB do agronegócio de Minas Gerais

jun/12	-0,88	0,72	0,70	0,71	0,59
jul/12	-1,03	1,33	0,64	1,13	1,04
ago/12	0,38	0,73	0,32	0,62	0,64
set/12	-0,13	0,56	0,23	0,47	0,46
out/12	0,60	0,54	0,60	0,56	0,56
nov/12	0,26	0,41	0,30	0,38	0,38
dez/12	0,20	0,68	0,74	0,70	0,65
Acum. no ano (2011)	18,89	18,52	-1,53	11,98	14,87
Acum. no ano (2012)	0,70	5,66	1,92	4,59	4,68

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2012

AGRONEGÓCIO					
	INSUMOS	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	14,38	3,99	1,64	2,25	3,51
2003	14,51	3,41	10,14	6,51	6,63
2004	7,83	19,26	-3,01	7,82	9,67
2005	1,27	-12,50	5,86	-3,60	-5,02
2006	-2,59	14,55	21,17	16,52	15,46
2007	13,64	5,81	2,42	5,31	5,30
2008	32,75	13,64	3,48	8,38	10,86
2009	-9,14	-8,57	5,92	-1,83	-3,35
2010	-6,79	12,55	25,47	18,35	16,05
2011	19,00	18,85	2,42	9,11	11,47
2012	1,82	3,88	-4,96	-0,48	0,27

AGRICULTURA					
	INSUMOS	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	9,46	1,68	3,28	2,75	2,98
2003	15,74	-3,87	11,83	6,68	5,92
2004	9,77	14,76	-4,84	0,94	3,01
2005	-3,45	-4,20	6,13	2,66	1,42
2006	-6,51	-1,16	26,73	17,99	14,23
2007	22,39	-4,27	-1,38	-2,14	-1,09
2008	38,66	22,05	2,48	7,50	10,90
2009	-16,37	-9,45	8,73	3,43	0,48
2010	-11,86	17,69	29,49	26,48	23,09
2011	19,13	19,50	3,10	7,00	8,72
2012	3,27	0,35	-6,10	-4,39	-3,51

PECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	19,21	5,55	-4,74	1,66	4,15
2003	13,40	8,10	3,02	6,30	7,46
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60
2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19

PIB do agronegócio de Minas Gerais

2010	-2,43	10,15	6,34	8,87	8,38
2011	18,89	18,52	-1,53	11,98	14,87
2012	0,70	5,66	1,92	4,59	4,68

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2012 (R\$ milhões de 2012)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	4.005	27.195	16.096	21.019	68.315
2002	4.581	28.282	16.360	21.493	70.715
2003	5.245	29.245	18.018	22.892	75.400
2004	5.656	34.878	17.476	24.682	82.691
2005	5.728	30.517	18.500	23.794	78.538
2006	5.579	34.956	22.417	27.725	90.677
2007	6.340	36.985	22.959	29.196	95.481
2008	8.417	42.030	23.758	31.642	105.847
2009	7.647	38.429	25.165	31.063	102.305
2010	7.128	43.254	31.574	36.765	118.721
2011	8.482	51.406	32.338	40.114	132.340
2012	8.576	52.974	30.984	39.893	132.427

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.984	10.905	12.802	11.468	37.158
2002	2.171	11.088	13.221	11.783	38.263
2003	2.513	10.658	14.785	12.571	40.527
2004	2.758	12.232	14.069	12.689	41.748
2005	2.663	11.718	14.932	13.028	42.340
2006	2.490	11.583	18.923	15.372	48.367
2007	3.047	11.088	18.661	15.043	47.839
2008	4.225	13.533	19.123	16.171	53.052
2009	3.534	12.255	20.793	16.726	53.307
2010	3.114	14.423	26.924	21.155	65.617
2011	3.710	17.235	27.759	22.635	71.340
2012	3.793	17.260	26.365	21.808	69.227

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	2.021	16.291	3.294	9.551	31.158
2002	2.410	17.194	3.138	9.709	32.451
2003	2.732	18.586	3.233	10.321	34.873
2004	2.898	22.646	3.407	11.992	40.943
2005	3.064	18.799	3.569	10.766	36.198
2006	3.090	23.373	3.495	12.353	42.310
2007	3.293	25.897	4.298	14.154	47.642
2008	4.192	28.497	4.635	15.471	52.795
2009	4.114	26.174	4.373	14.337	48.998
2010	4.014	28.831	4.650	15.609	53.104
2011	4.772	34.170	4.579	17.479	61.000
2012	4.784	35.714	4.618	18.084	63.200

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,19	6,66	8,38	9,04
2003	9,57	11,27	7,13	8,58	9,04
2004	10,02	13,56	6,58	8,95	9,67
2005	11,31	13,15	6,96	8,92	9,63
2006	11,37	15,39	8,20	10,29	11,07
2007	11,38	14,52	8,05	10,15	10,81
2008	12,60	14,38	8,12	10,45	11,09
2009	13,16	14,23	8,94	10,70	11,37
2010	12,22	14,44	11,14	12,40	12,66
2011	12,88	15,32	11,42	12,93	13,30
2012	12,91	15,89	11,36	13,14	13,56

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,27	6,39	6,66	6,97
2003	7,03	6,85	6,90	6,77	6,86
2004	7,51	8,00	6,23	6,58	6,86
2005	8,51	9,07	6,58	7,02	7,39
2006	8,10	8,99	8,01	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,60	7,42	7,62
2008	9,58	8,00	7,62	7,68	7,86
2009	9,62	7,98	8,52	8,15	8,33
2010	8,51	8,37	11,00	10,24	9,94
2011	9,15	8,79	11,37	10,48	10,24
2012	9,22	8,80	11,14	10,20	10,06

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,57	8,09	12,23	13,90
2003	14,35	17,87	8,42	12,72	14,38
2004	14,71	21,69	8,61	14,44	16,59
2005	15,85	18,27	9,21	13,28	14,95
2006	16,84	23,78	9,47	16,02	18,34
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,45	23,14	11,11	16,77	18,87
2009	19,27	22,47	11,71	16,86	18,83
2010	18,45	22,65	12,00	17,39	19,13
2011	18,83	24,53	11,68	18,55	20,46

2012	18,90	26,02	12,79	20,16	21,92
------	-------	-------	-------	-------	-------

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO BÁSICO - AGRICULTURA											
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Café	52,95	38,58	29,82	41,11	42,78	49,67	37,00	40,11	36,22	43,14	48,24
Milho	9,67	16,97	18,42	14,14	14,02	10,84	17,31	14,95	12,51	9,69	11,48
Soja	7,74	12,91	15,98	14,99	11,53	8,78	11,49	11,82	13,63	9,90	9,28
Cana-de-açúcar	7,33	6,09	7,06	6,09	6,75	11,24	12,42	9,46	13,43	15,17	14,07
Feijão	5,55	7,44	8,25	4,74	6,79	4,83	6,53	10,28	5,88	6,43	4,12
Batata – inglesa	6,33	4,80	6,20	5,06	6,33	4,83	5,90	4,37	7,33	5,61	2,70
Carvão vegetal	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01
Mandioca	0,39	0,52	1,73	1,81	0,93	0,75	1,02	0,86	0,82	0,92	0,79
Tomate	3,35	5,16	4,27	5,50	4,62	2,74	2,91	2,87	3,24	2,14	2,25
Laranja	2,03	2,36	2,24	1,15	1,36	1,31	0,77	1,29	1,97	1,93	1,35
Banana	3,12	3,16	3,58	2,63	2,62	3,47	3,06	2,83	3,41	3,37	2,81
Algodão	0,67	0,80	1,04	1,44	1,29	0,83	0,79	0,56	1,04	1,33	2,75
Arroz	0,87	1,19	1,39	1,32	0,94	0,69	0,79	0,57	0,51	0,36	0,16
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO BÁSICO - PECUÁRIA											
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Boi vivo	34,82	36,48	33,98	37,64	35,18	41,40	36,91	36,88	37,16	38,77	39,19
Vaca viva	17,63	17,90	18,27	21,68	13,00	21,32	18,53	18,65	17,56	17,20	21,73
Frango vivo	10,04	10,26	10,05	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,42	7,71
Leite natural	27,38	25,96	26,79	23,25	31,30	22,63	28,21	26,65	27,85	26,46	23,15
Ovos	3,93	4,02	4,51	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,96	2,71
Suínos vivos	6,21	5,38	6,41	5,41	6,76	4,40	4,55	5,92	5,29	6,19	5,51
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS – PECUÁRIA											
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Combustíveis e Lubrificantes	18,86	15,25	14,69	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05
Adubos, Fert. e Cor. Solo	23,42	22,09	22,80	24,03	20,89	18,88	22,85	25,90	21,58	19,14	20,22
Alimentos para animais	57,72	62,66	62,52	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS - AGRICULTURA											
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Combustíveis e Lubrif.	18,55	16,33	15,41	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23
Adubos, Fert. e Cor. Solo	81,45	83,67	84,59	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL – PECUÁRIA											
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Carne de boi	9,17	10,28	10,62	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	15,76	14,68
Carne de vaca	3,78	3,72	4,36	4,80	4,64	5,60	5,45	7,42	6,04	6,45	5,73
Carne suína	6,59	6,34	7,92	8,19	8,30	6,97	6,31	8,44	8,07	10,43	10,96
Carne de aves	11,96	13,55	13,92	12,47	13,17	12,66	11,60	12,91	13,69	15,30	16,95
Leite em pó	19,72	18,08	15,25	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	32,88	29,77

PIB do agronegócio de Minas Gerais

Leite UHT	17,75	17,70	18,10	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	13,50	16,55
Queijo	18,16	16,69	14,18	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	2,76	2,53
Leite pasteurizado	12,86	13,65	15,66	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	2,93	2,84
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL – AGRICULTURA

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Celulose e papel	21,68	21,11	20,54	21,45	20,76	16,13	19,50	17,65	13,23	12,11	10,75
Álcool Anidro	16,74	13,79	15,21	11,69	14,36	19,74	14,59	13,79	10,87	11,69	17,65
Álcool Hidratado	9,75	9,63	12,20	11,09	15,87	18,19	22,95	27,88	29,70	29,17	23,45
Têxtil	10,56	9,97	8,86	9,76	9,34	7,42	7,08	5,84	4,81	3,96	3,51
Indústria do café	14,36	12,70	10,97	13,98	12,14	9,94	11,82	11,12	10,35	11,02	11,62
Indústria do fumo	1,30	1,16	0,80	0,87	0,82	0,69	0,70	0,64	0,62	0,47	0,46
Indústria do açúcar	9,57	12,96	13,66	13,90	15,55	19,13	12,43	11,72	21,83	24,41	23,67
Óleos de soja refinado	7,04	11,71	12,39	12,00	6,66	5,07	6,94	7,80	5,11	4,26	6,16
Indústria de bebidas	9,01	6,98	5,38	5,25	4,48	3,69	3,99	3,56	3,49	2,91	2,74
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de dezembro de 2012 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	0,20	0,68	0,74	0,70	0,65
Agricultura	0,76	0,40	-0,45	-0,21	-0,10
Agronegócio total	0,44	0,59	-0,27	0,20	0,26

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2012 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	0,70	5,66	1,92	4,59	4,68
Agricultura	3,27	0,35	-6,10	-4,39	-3,51
Agronegócio total	1,82	3,88	-4,96	-0,48	0,27

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2012/11

	Combustíveis e Lubrificantes	Fertilizantes e Corretivos de Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	8,10	-0,20	-6,98
Preçosreais	0,07	2,85	6,63
Valor	8,18	2,65	-0,81

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2012/11

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – Inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	19,85	16,66	4,51	3,79	8,72	-7,33	4,24	0,52	-6,60	4,88	5,00	-9,89	-25,17
Preçosreais	-25,69	-4,64	25,71	-3,25	56,93	31,87	-16,34	-12,97	7,64	-51,17	-10,51	-38,69	32,71
Valor	-10,94	11,25	31,38	0,41	70,62	22,20	-12,80	-12,52	0,54	-48,79	-6,03	-44,75	-0,69

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2012/11

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	14,06	21,80	5,94	2,46	-1,13	14,84
Preçosreais	-9,08	-8,94	0,47	-0,69	6,87	-0,55
Valor	3,70	10,92	6,44	1,75	5,66	14,21

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2012/11

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	1,46	14,62	-13,51	0,87	6,05	-7,79	5,34	-0,69	-6,38
Preços reais	-1,67	-18,77	-13,48	-6,84	8,01	5,56	-5,17	9,74	2,96
Valor	-0,24	-6,90	-25,17	-6,03	14,55	-2,67	-0,11	8,98	-3,61

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2012/11

	Carne de Boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo Muçarela	Leite Pasteurizado
Quantidade	14,06	21,80	14,84	5,94	5,83	17,05	-54,10	-15,21
Preços reais	-7,27	-7,66	-1,88	-1,59	-11,33	-4,65	-2,79	-0,48
Valor	5,77	12,47	12,69	4,25	-6,16	11,61	-55,39	-15,62

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2012 (R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.687	11.453	6.778	8.852	28.769
2002	2.190	13.518	7.820	10.273	33.801
2003	3.079	17.166	10.576	13.437	44.257
2004	3.632	22.397	11.222	15.849	53.100
2005	3.897	20.765	12.589	16.190	53.442
2006	3.862	24.196	15.517	19.191	62.766
2007	4.612	26.902	16.700	21.237	69.450
2008	6.810	34.005	19.222	25.600	85.636
2009	6.298	31.649	20.725	25.582	84.254
2010	6.198	37.609	27.454	31.967	103.227
2011	8.004	48.506	30.514	37.851	124.875
2012	8.576	52.974	30.984	39.893	132.427

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	835	4.592	5.391	4.829	15.648
2002	1.038	5.300	6.320	5.632	18.290
2003	1.475	6.256	8.678	7.379	23.788
2004	1.771	7.855	9.034	8.148	26.809
2005	1.812	7.974	10.160	8.865	28.811
2006	1.723	8.017	13.098	10.640	33.479
2007	2.216	8.065	13.573	10.942	34.797
2008	3.418	10.949	15.472	13.083	42.922
2009	2.910	10.093	17.124	13.775	43.902
2010	2.708	12.540	23.411	18.394	57.053
2011	3.501	16.263	26.194	21.358	67.316
2012	3.793	17.260	26.365	21.808	69.227

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	851	6.860	1.387	4.022	13.121

PIB do agronegócio de Minas Gerais

2002	1.152	8.219	1.500	4.641	15.512
2003	1.604	10.909	1.898	6.058	20.469
2004	1.861	14.542	2.188	7.701	26.292
2005	2.085	12.792	2.428	7.326	24.631
2006	2.139	16.179	2.419	8.551	29.287
2007	2.395	18.837	3.126	10.295	34.653
2008	3.391	23.056	3.750	12.517	42.714
2009	3.388	21.556	3.601	11.807	40.353
2010	3.490	25.068	4.043	13.572	46.174
2011	4.503	32.243	4.321	16.493	57.559
2012	4.784	35.714	4.618	18.084	63.200

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.